

**BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS:
CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA**

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p073-096](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p073-096)

**EPISTEMOLOGIAS DE IMAGEM E DA PIEDADE VISUAL, SEGUNDO
OS TÍTULOS DE LIVROS RELIGIOSOS COM EMBLEMAS**

EPISTEMOLOGIES OF THE IMAGE AND VISUAL PIETY, ACCORDING TO
THE TITLES OF RELIGIOUS BOOKS WITH EMBLEMS

EPISTEMOLOGÍAS DE LA IMAGEN Y LA PIEDAD VISUAL, SEGÚN LOS
TÍTULOS DE LOS LIBROS RELIGIOSOS CON EMBLEMAS

EPISTEMOLOGIEN DES BILDES UND DER VISUELLEN FRÖMMIGKEIT
ANHAND DER TITEL RELIGIÖSER EMBLEMBÜCHER

*Helmut Renders**

RESUMO¹

Este artigo investiga a compreensão da imagem e da sua função em livros religiosos com emblemas. Para isso, concentra sua análise nos seus títulos; primeiro, em concepções de imagem (*eikon*, *imago*, *pictura*), depois em visões panorâmicas (*hieroglyphica*, *symbola* e *emblema* [*Sinnbilder* / *sinnen-bilder* / *Merkbeelden*]) e, por último, em leituras de linguagens textuais ou visuais (*devotio*, *contemplativo*, *meditatio* [*Andacht*], *oratio*). O estudo se baseia no banco de dados de livros de emblemas da Universidade de Illinois com seus 1407 exemplares e procura, primeiro, descrever as linguagens usadas, sejam elas periféricas ou dominantes. De olho nestas linguagens, procura-se esclarecer até que ponto elas documentam uma virada antropológica renascentista, também, no campo religioso ou se acabou criando algo terceiro e distinto, tanto de posições humanistas “puras” e antropocêntricas, bem como de posições religiosas “puras” e teocêntricas. Em termos gerais, usamos referências teóricas que esclarecem aspectos etimológicos, culturais, históricos e

* Doutor em Ciências da Religião (UMESP, 2006), estágio pós-doutoral em Ciência da Religião (UFJF, 2012) e História da Arte (UNIFESP, 2022). Doctor of Ministry (Wesley Seminary, 1998). Professor colaborador da PUC-SP e visitante na Universidade Metodista de Angola. Pesquisador em linguagens religiosas e culturas visuais. E-mail: helmut.renders@gmail.com.

¹ Esta pesquisa articula parcialmente resultados de um projeto universal (CNPq) e projeto regular (FAPESP).

teológicos dos livros com emblemas; em termos específicos, consultamos obras sobre concepções e funções de emblemas e, ainda, emblemas religiosos e a história da arte. Como um todo, o estudo pretende contribuir para uma compreensão mais diferenciada de imagens em livros religiosos com emblemas e seu uso nas práticas piedosas.

Palavras-chave: Emblemas; livros religiosos com emblemas; epistemologia de imagem; epistemologia de piedade visual.

ABSTRACT

This article investigates the understanding of images and their role in religious books with emblems. To this end, it focuses its analysis on the titles; first, on conceptions of the image (*eikon*, *imago*, *pictura*), then on panoramic views (*hieroglyphica*, *symbola*, and *emblema* [*Sinnbilder* / *sinnen-bilder* / *Merkbeelden*]), and finally on interpretations of textual or visual languages (*devotio*, *contemplatio*, *meditatio* [*Andacht*], *oratio*). The study is based on the emblem book database of the University of Illinois, which includes 1,407 specimens, and it aims to first describe the languages used, whether peripheral or dominant. Looking at these languages, it seeks to clarify to what extent they document a Renaissance anthropological turn even in the religious field, or if something third and distinct was created—different from both "pure" and anthropocentric humanist positions and "pure" and theocentric religious positions. In general terms, the study uses theoretical references that clarify etymological, cultural, historical, and theological aspects of books with emblems; specifically, it consults works about conceptions and functions of emblems, religious emblems, and the history of art. Overall, the study aims to contribute to a more nuanced understanding of images in religious books with emblems and their use in pious practices.

Keywords: Emblems; religious books with emblems; image epistemology; epistemology of visual piety.

RESUMEN

Este artículo investiga la comprensión de la imagen y su función en libros religiosos con emblemas. Para ello, centra su análisis en los títulos; primero, en concepciones de imagen (*eikon*, *imago* y *pictura*), luego en visiones panorámicas (*hieroglyphica*, *symbola* y *emblema* [*Sinnbilder* / *sinnen-bilder* / *Merkbeelden*]) y, por último, en lecturas de lenguajes textuales o visuales (*devotio*, *contemplatio*, *meditatio* [*Andacht*], *oratio*). El estudio se basa en la base de datos de libros de emblemas de la Universidad de Illinois, que incluye 1.407 ejemplares, y busca primero describir los lenguajes utilizados, sean periféricos o dominantes. Mirando estos lenguajes, se pretende aclarar hasta qué punto documentan un giro antropológico renacentista incluso en el ámbito religioso, o si se creó algo tercero y distinto, diferente tanto de las posiciones humanistas "puras" y antropocéntricas como de las posiciones religiosas "puras" y teocéntricas. En términos generales, el estudio utiliza referencias teóricas que aclaran aspectos etimológicos, culturales, históricos y teológicos de los libros con emblemas; en términos específicos, consulta obras sobre concepciones y funciones de emblemas, emblemas religiosos y la historia del arte. En general, el estudio pretende contribuir a una comprensión más diferenciada de las imágenes en libros religiosos con emblemas y su uso en prácticas piadosas.

Palabras clave: Emblemas; libros religiosos con emblemas; epistemología de la imagen; Epistemología de la piedad visual.

ZUSAMMENFASSUNG

Dieser Artikel untersucht das Verständnis von Bildern und ihre Rolle in religiösen Büchern mit Emblemen. Zu diesem Zweck konzentriert sich die Analyse auf die Titel; zunächst auf Bildkonzeptionen (*eikon*, *imago*, *pictura*), dann auf panoramische Ansichten (*hieroglyphica*,

symbola und emblema [Sinnbilder / Sinnenbilder / Merkbeelden]) und schließlich auf Interpretationen von Text- oder Bildsprachen (devotio, contemplatio, meditatio [Andacht], oratio). Die Studie basiert auf der Emblembuch-Datenbank der Universität Illinois, die 1.407 Exemplare umfasst, und zielt darauf ab, zunächst die verwendeten Sprachen zu beschreiben, sei es peripher oder dominant. Ausgehend von diesen Sprachen versucht sie zu klären, inwieweit sie eine anthropologische Wende der Renaissance auch im religiösen Bereich dokumentieren oder ob etwas Drittes und Eigenständiges geschaffen wurde – verschieden sowohl von „reinen“ und anthropozentrischen humanistischen Positionen als auch von „reinen“ und theozentrischen religiösen Positionen. Allgemein verwendet die Studie theoretische Referenzen, die etymologische, kulturelle, historische und theologische Aspekte von Büchern mit Emblemen klären; im Besonderen zieht sie Werke über Konzepte und Funktionen von Emblemen, religiöse Embleme und Kunstgeschichte heran. Insgesamt zielt die Studie darauf ab, zu einem differenzierteren Verständnis von Bildern in religiösen Büchern mit Emblemen und ihrer Verwendung in Andachtspraktiken beizutragen.

Schlüsselwörter: Embleme; religiöse Bücher mit Emblemen; Epistemologie des Bildes; Epistemologie der visuellen Frömmigkeit.

1 INTRODUÇÃO²

Neste artigo pretendo relacionar aspectos da epistemologia da imagem com aspectos da epistemologia da piedade visual. Em termos metodológicos, sigo o método iconológico de Erwin Panofsky, em especial seu segundo passo da análise iconográfica que relaciona formas textuais e visuais anteriores ou contemporâneas de uma obra para entender a sua iconologia a partir da sua iconografia. A pesquisa é baseada nos títulos encontrados na página de livros com emblemas da Universidade de Illinois com seus 1407 exemplares³, que une entre 50% e 70%⁴ dos livros religiosos com emblemas produzidos a partir do século 16, quando o gênero foi criado por Andreas Alciato em 1532. Antes de iniciar a própria investigação, compartilho uma definição básica de um emblema, seguindo as definições de dois pesquisadores brasileiros:

A palavra emblema vem do grego ἔμβλημα (emblema) e pode significar a parte da lança onde se encravava o ferro; algo embutido;

² Agradeço ao Dr. Hélerson Alves Nogueira pela cuidadosa revisão do texto.

³ <http://emblematica.library.illinois.edu/browse/books>.

⁴ Levantamentos exatos ainda não existem. Em geral, fala-se de acima de 6000 livros com emblemas, dos quais um pouco menos de um terço são atribuídos aos jesuítas, com mais do que 1600 obras registradas até 1773 (Daly & Dimler, 2018, p. 91). Se isso for verdade, mais ou menos 50% dos livros com emblemas seriam livros religiosos com emblemas, já que a produção protestante (anglicana, luterana, reformada e considerando os séculos 20 e 21 batista, metodista e pentecostal) também não é pouca. Em geral, essa distinção não é o foco das pesquisas e, por exemplo, a página da universidade de Illinois com seus 1407 exemplares não oferece uma distinção entre obras religiosas e não religiosas. Se for feito, seria interessante distinguir entre (a) obras que integram emblemas com temas ou motivos religiosos, (b) obras cuja concepção completa conduz a práticas religiosas e (c) obras cujo objetivo principal é explicar ou defender sistemas religiosos com uma intensão apologética.

ou mosaico. E é, exatamente, isso que temos diante de nós: um amalgamento iconológico que, à semelhança do mosaico, não pode ser visto num relance como uma mensagem que se abre e é logo descartada (Brandão, 2003, p. 128).

Esta necessidade de estudar um emblema para entender um significado “embutido” ou até construir um significado, deve-se a sua composição por diversos elementos. Segundo Bombassaro (2006, p. 88) esta composição textual e visual representava, na época do seu surgimento,

[...] uma nova forma de linguagem capaz de reunir o elemento figurativo e o elemento reflexivo, a imagem e o conceito, também tendo em vista a persuasão e o convencimento do leitor, do ouvinte e do espectador”. [...] Estruturalmente, os emblemas são constituídos por três elementos, que podem ser claramente diferenciados: a) um lema (inscriptio), que dá o título ao emblema; b) a imagem simbólica (pictura)⁵, que consiste numa incisão gráfica ocupando a parte central do emblema; e c) a epigrama (supcriptio), em forma de verso, prosa ou diálogo, que explica a imagem. [...] os livros de emblemas devem ser tomados como um caso exemplar de combinação entre imagem e conceito, pois mostram, de modo inquestionável, a indissociabilidade entre o signo, o significante e o significado.

A referência a Ferdinand de Saussure podemos aplicar a todos elementos de um emblema, como por exemplo, a palavra *pictura*, que traduzimos por imagem. Essa, porém, não é a única palavra latina traduzida por imagem, e uma primeira leitura transversal dos títulos dos livros de emblemas encontrados resultou na identificação de mais duas concepções, sendo elas *eikon* e *imago* ao lado da *pictura*. Além disso, encontramos, nos títulos, ao lado de concepções diferentes de imagens e de designações distintas do conjunto de imagens e textos (*hieroglyphica*, *symbola*, and *emblemata* [*Sinnbilder* / *sinnen-bilder* / *Merkbeelden*]), indicações também variadas da leitura de emblemas (*devotio*, *contemplativo*, *meditatio* [*Andacht*] e *oratio*), às vezes, inclusive, de forma combinada. Ou seja: quando se estuda seus títulos, o significado

⁵ Contra a atual convenção, usam William S. Heckscher und Karl-August Wirth (1959 [v. 5], p. 85–228) icon em vez de pictura: “Os diferentes componentes de um E. são: a) Lemma; b) Icon; c) Epigramma”. Não seguimos esse exemplo, por ignorar o significado específico religioso de *eikon*. Além disso, favorece essa prática seu uso no passado e mais recente. O bispo católico Paolo Giovio (1483/1486-1552), por exemplo, usa *pictura* (cf. Daly & Dimler, 2018, p. 54). Segundo Peter M. Daly e G. Richard Dimler (2018, p. 16) isso também é usado pelo *Companion to Emblem Studies* (2008).

de livros como emblemas parece bastante diversificado, pela diversidade dos próprios significantes em si e das suas combinações, sem ignorar a possibilidade de um uso menos exato⁶ Estas poucas observações já justificam uma investigação mais cuidadosa dos títulos. Assim, nasceram duas perguntas norteadoras desse artigo: O que nos dizem os diferentes títulos de livros religiosos com emblemas sobre a concepção de imagem usada neles? Afinal, acompanham os livros religiosos com emblemas a virada pictórica dos livros humanistas com emblemas e substituem na sua concepção da imagem religiosa *imago* e *eikon* por *pictura*?

Em cada seção vou, então, apresentar, analisar e interpretar o que dizem estas diferentes concepções de imagens, ou de conjuntos de imagens e textos, como da leitura desses conjuntos encontradas nos títulos sobre a função da imagem na piedade visual, sempre de olho se a concepção da *pictura* - tão central na concepção humanista de um emblema - de fato aparece nos livros religiosos com emblemas e “dá o tom”. Nas três seções, considerarei, especialmente, dicionários sobre a história das respectivas palavras e estudos das ciências da religião e teológicos como, por exemplo, sobre *lectio divina* e *devotio moderna*. Descreverei, analisarei e interpretarei estes assuntos em seguida em três seções: O uso de concepções diferentes de imagens: *eikon*, *imago* e *pictura*; O uso de designações distintos do conjunto de imagens e textos: *hieroglyphica*, *symbola*, and *emblema* [*Sinnbilder* / *sinnen-bilder* / *Merkbeelden*] e Indicações variadas da leitura de emblemas: *devotio*, *contemplatio*, *meditatio* [*Andacht*] e *oratio*.

2 O USO DE CONCEPÇÕES DIFERENTES DE IMAGENS: *EIKON*, *IMAGO* E *PICTURA*

Começamos com títulos que nos apresentam, de antemão, concepções da imagem. São aqueles títulos que não se referem ao conjunto dos três elementos que compõem um emblema e, também, não indicam como o emblema deve ser lido, mas, que falam explicitamente de imagens, indicando uma leitura da imagem que converge ou difere da concepção tradicional da imagem em um emblema como *pictura*. Todavia, o significante, inicialmente usado, era o uso da própria concepção de um emblema no

⁶ Por exemplo, enquanto símbolo e emblema hoje têm um significado muito próximo, em geral isso não era o caso na época da Renascença.

título. Assim ocorreu tanto no título do primeiro livro com emblemas, o livro *Emblematum liber* ou *Livro de emblemas* de Andrea Alciato (1492-1550) de 1531, como no título do supostamente primeiro livro cristão de emblemas, *Emblemes ou devises chrestiennes* de Georgette de Montenay (1540-1581), escrito em 1567 e publicado em 1571 em Lion na França⁷.

Entretanto, isso não significa que se estabeleceu desde o início uma linguagem única. Já no século 16 - ou na primeira fase da produção de livros com emblemas - encontramos nos títulos diferentes concepções de imagem, como por exemplo, nos seguintes casos:

- Aneau, Barthélemy. [*Picta poesis*](#)⁸. [*Ut pictura poesis erit*](#). Lyon, 1552
- Hoffer, Johann. *Icones catecheseos et virtutum*⁹. Wittenberg, 1558.
- Cartari, Vincenzo. [*Imagines deorum*](#) *qvi ab antiq*¹⁰, Lyon, 1581.

Em termos quantitativos, estas concepções aparecem poucas vezes entre os 1407 livros da página da universidade de Illinois: *pictura* seis vezes, *icones* treze vezes e *imago* / *imagines* 39 vezes. Mesmo assim, são indicadores potencialmente interessantes, no mínimo enquanto se considera seus significados distintos da Antiguidade e da valorização da Antiguidade durante a Renascença. Nela, *pictura* descreve a imagem como artefato, uma obra humana, feita com uma intenção humana. Contudo, essa concepção não era privilegiada no judaísmo e no cristianismo para a descrição de imagens, se não servia como definição de ídolos (cf. Sl. 115,4-8; Is 44,9-20; Jr 10:3-5; Hb 2, 18-19). Por um lado, isso não representa motivo para rejeitar emblemas por si, uma vez que os emblemas não tinham pretensão nenhuma de representar uma nova forma de imagens religiosas. Pelo contrário, eles eram documentos da virada antropocêntrica. Por outro lado, no momento que o cristianismo se apropriou do modelo dos emblemas para ideias religiosas, surge a pergunta se ele de fato abraçou também a concepção da imagem como *pictura* e rompeu com a tradição clássica da imagem como *eikon* e *imago*. E essa diferença era grande, já que o grego *eikon* e o latim *imago* descreveram, em intensidades diversas, imagens como

⁷ Assim continuou também nos títulos da sua edição bilingue latina e francesa, *Emblematum christianorum centúria* / *Cent emblemes chrestiennes* – ou *Cem emblemas cristãos* – de 1584, publicado na Suíça em Zurique, depois da morte da autora.

⁸ *Poesia pintada* / *Poesia em imagens*.

⁹ *Ícones da catequese e das virtudes*.

¹⁰ *Imagens dos Deuses [adorados] pelos antigos*.

performativas e impactantes, e por causa dessa característica pelas práticas religiosas como vital. “Segundo a compreensão grega *eikon* participa da realidade daquilo que representa porque a essência do representado aparece nela, inclusive no caso de divindades. Essa presença é imaginada como capaz de operar magias e /ou milagres” (Renders, 2019, p. 573). Já

imago mantém a compreensão de uma ligação única com o fiel ao/a representado/a. A base etimológica de imago em *imitari* e *aemulus* aponta ainda para uma emulação no sentido de um esforço para a realização de um mesmo objetivo ou procurar emparelhar-se, imitar, seguir o exemplo de alguém. Assim, o conceito da imago traz consigo, paralelamente, a ideia do distanciamento ou da distinção e da continuidade e representação (Renders, 2019, p 573).

Para complicar, até os diferentes significados dos dois últimos significantes distintos fizeram toda diferença no campo religioso, inclusive quando falamos do texto bíblico. Isso quer, quando a Vulgata traduz o texto em 1 Coríntios 4.4 do Koiné “ὅς ἐστιν εἰκὼν τοῦ θεοῦ” (*hos estin eikon tou theou*) pelo latim “*qui est imago Dei*”, cujo equivalente no português é “qual é a imagem de Deus”. Daí se introduz, também, um imaginário distinto, menos performativo, mais memorial e relacional do que substancial e mágico. O potencial impacto desses significados distintos pode ter contribuído para as duas primeiras disputas iconoclastas que ocorreram de 726 d.C. até 787 d.C. e, de 814 d.C. até 842 d.C. e, assim, o desafio se repete de tradução em tradução. O inglês – *who is the image of God* (King James, 2000) – e o Português – que / qual é a imagem de Deus (ACF / NAA) – parecem mais próximos a concepção latina, enquanto o alemão – *welcher ist das Ebenbild Gottes* (LUTH1545) – se aproxima mais ao grego do que o latim, já que *Ebenbild* quer dizer [imagem] “semelhante” ou “idêntico na essência”, em distinção de *Abbild* (cópia) e *Vorbild* (exemplo)¹¹. Já a palavra *Bild*, como componente de *Ebenbild*, tinha no século 18 cerca de 10 aspectos, entre as quais os dois mais importantes: (a) artefato manualmente criado e (b) representação de algo vivo e, por causa disso, potencialmente performativo, representam possíveis polos (Grimm, 1901 [vol. 2], col. 8). No primeiro caso seria uma *pictura*, no segundo uma *imago*. Mas, já que a diferença entre *eikon* e *imago* desenvolveu tanta dinâmica e tantos debates, a

¹¹ A palavra composta *Ebenbild* já parece uma tautologia ou um pleonismo, considerando que a raiz “*bil*” pode significar “Wunderkraft, Wunderzeichen” ou “força de milagre ou sinal de milagre” (DUDEN, .

apropriação de um modelo baseado na concepção da imagem como *pictura* ia ocorrer consciente e automaticamente?

Os três títulos acima listados são, de fato, livros com emblemas e, além disso, livros religiosos com emblemas: o primeiro é do contexto reformado, o segundo do contexto luterano e o terceiro do contexto católico. *Picta poesis* é nada mais do que uma circunlocução ou transcrição da essência de um *emblema*. Ela, de fato, mantém ou reafirma a ideia da imagem no emblema como “mera” *pictura*, seguindo a proposta humanista original¹². Em um texto de origem reformado isso não surpreende, já que nesse caso uma imagem não foi vista como os atributos ou qualidades de uma *imago* ou de um *eikon*, a não ser que fosse entendido como ídolo. Nesse caso, podemos então falar de uma consciente aceitação do novo formato e da sua respectiva concepção de imagem. Já o livro *imagines deorum qui ab antique* é um outro caso. Ele fala da relação entre deuses e semideuses, planetas e seres humanos e foi originalmente publicado na Venêcia, mas, surpreendentemente, ainda sem imagens¹³. Já a segunda edição vem com imagens. Apesar de que a relação entre deuses e semideuses, planetas e seres humanos é considerado no livro uma relação dependente e de poder, o que justifica a concepção de *imago*, isso não é o caso das imagens em si usadas na obra. Elas descrevem e visualizam relações de poder, mas não transmitem esse poder. Com isso, são simples *picturae* que falam de relações poderosas dentro da imaginação da época.

O título de Johann Hofer (1534-1583), *Icones catecheseos et virtutum* de 1558, contém a concepção de *eikon*. Nele, apresenta por meio de emblemas clássicos os motivos das virtudes teologais e cardiais e de cenas da vida de Jesus, com *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio*. Agora, cenas da vida de Jesus e representações de virtudes não são temas de ícones clássicos que sempre focam em uma pessoa: em geral, o próprio Jesus, eventualmente, em Maria ou um/a santo/a¹⁴. Nesse caso, *icones* certamente não quer dizer *eikon* no seu sentido original específico ou fazer imaginar uma imagem

¹² Num outro raro uso de *Picta*, na obra [Sapientia Picta](#) [...] *sinnreiche Bildnisse* [...] *denkwürdige Sprüche* de Julius Wilhelm Zingref, publicada em 1626 na cidade de Frankfurt que pode ser traduzida por *Sabedoria por meio de imagens / pinturas: [...] retratos engenhosos [...] ditados memoráveis*, o uso de *picta* é bem delimitado pela tradução por *Bildnis*, ou seja, um artefato sem nenhuma conotação de *imago* ou até de *eikon*.

¹³ *Le Imagini con la spositione de i Dei de gli antichi*. Venezia, 1556. 1581 já tinha acontecido a noite ou o massacre de Bartolomeu que resultou no êxodo dos reformados da França.

¹⁴ No Brasil, os famosos santinhos são a sua mais popular expressão.

preenchida de poder divino. Portanto, parece também dizer algo próximo a *pictura*. Isso significa que tanto na obra de Hoffer como na de Cartari, as opções pelas palavras *imagines* como *icones* não indica uma compreensão fora do modelo estabelecido pelos emblemas, enquanto a combinação de *pictura* e poesia era uma forma de parafrasear a estrutura de um emblema. Afinal, são as três formas muito raras entre os 1407 títulos de livros com emblemas da página *emblemática online* da Universidade de Illinois, ou seja, não representam vertentes maiores de designação dentro do gênero.

3 O USO DE DESIGNAÇÕES DISTINTOS DO CONJUNTO DE IMAGENS E TEXTOS: *HIEROGLYPHICA*, *SYMBOLA* E EMBLEMA [*SINNBILDER* / *SINNEN-BEELDEN* / *MERKBEELDEN*]

Avançamos agora para um segundo grupo de palavras que se distingue do primeiro grupo por aparentemente descrever o conjunto de imagem e textos que constituem um emblema¹⁵. Trata-se das designações como *hieroglyphica*, *symbola* e emblema [*Sinnbilder* / *sinnen-bilde* / *Merkbeelden*] que, nós organizamos aqui, no sentido quantitativo: *hieroglyphica* aparece vinte e sete vezes, *symbola* cinquenta e três vezes, *emblemata* novecentos e cinquenta e seis vezes e *Sinnbild[er]* / *sinnen-belder* / *Merkbeelden* doze vezes.

Vamos para o primeiro termo usado para se referir ao conjunto, *hieroglyphica*, partindo dos seguintes exemplos:

- Valeriano, Pierio. *Hieroglyphica*, seu *De sacris Aegyptiorum aliarumque gentium literis commentarii*, Lyon, 1564.
- Hooghe, Romeyn de. [*Hieroglyphica, of, Merkbeelden der oude volkeren*](#)¹⁶. Amsteldam, 1735.

O termo *hieroglyphica* nasce como descrição da escrita egípcia que usa pictogramas, tanto para letras como para palavras, e que eram uma das inspirações que levaram à criação dos próprios emblemas. A combinação de *γλύφειν* (*glýphein*) que significa

¹⁵ Não nos aprofundamos aqui sobre o uso italiano de *Imprese Illustri*. Como exemplo citamos a obra *Imprese Illustri et diversi co' discorsi [...] et com le figure intagliate* de Camillo Camilli (1560-1615) publicada na Venecia em 1581. Todavia, o título “*Imagens / Impressões ilustradas [...] com discursos [...] e com figuras esculpidas*” é uma descrição mais técnica, que sugere a compreensão de *pictura*.

¹⁶ Hieroglífica, ou, Imagens memorizáveis de povos antigos.

“esculpir” e “gravar” e *ἱερός* (*hieros*) que quer dizer “sagrado” ou “santo”, se devia, talvez, pelo fato de que eram encontradas em templos, mas, certamente, expressava uma certa fascinação, provavelmente até subentendendo a ideia de encantamento. “Exculpar” e “gravar” compartilha o aspecto visual com gravuras e sua explícita relação com o mundo sagrado, conteve no mínimo um teórico potencial para falar de emblemas religiosos, eventualmente até numa dimensão de entender até tanto as linguagens visuais como as linguagens textuais de um emblema como meios da comunicação do sagrado. Todavia, isso aparentemente não era o caso, nos dois exemplos aqui apresentados. Primeiro, fica evidente que ambos autores falam de uma iconografia de povos não cristãos e, na época, considerava-se uma imagem encantada não cristã um ídolo. Além disso, combinou o segundo autor *hieroglyphica* com *Merkbeelden* e colocou no meio deles a conjunção coordenativa “ou”, para expressar equivalência. Como o significante *merkbeelden* é um sinônimo de *sinnenbeelden* que por sua vez, era um sinônimo de emblema, repete-se aqui aquilo que já vimos em relação à palavra *symbola*: os diferentes significados originais dos significantes distintos são absorvidos pelo significado do significante emblema. Se alinha a essa interpretação a observação que nenhum dos dois livros articula o objetivo de conduzir alguém para uma prática religiosa. Assim, nesses casos, *hieroglyphica* representa o conjunto de um emblema com as suas três partes.

O segundo termo, *symbola*, então, é quase duas vezes mais encontrado do que o anterior. Partimos dos seguintes exemplos:

- Paradinus, Claudius. *Symbola Heroica*, Antuérpia, 1567.
- Strada, Octavius. [*Symbola Divina & Humana*](#), Francofurti, 1652.

Inicialmente, precisamos lembrar dos diferentes significados entre *symbola* e *emblema*. *Symbolon* enuncia a ideia de um significado acessível de algo a princípio invisível por meio de um signo ou significante; *emblema* articula a ideia de um significado oculto ou invisível ao primeiro olhar, que precisa ser investigado a partir dos seus três elementos constitutivos.

Primeiro observamos que esses dois títulos lembram da estrutura de outros onde se usa a palavra emblema, como por exemplo em:

- Symenon, Gabirel. *Devisas o emblemas heroicas y morales*, Leon de França, 1561.

Além disso, e apesar do significado original distinto de símbolo e emblema no grego, encontramos já no século 16 - como também no século 17 - títulos que apresentam um uso paralelo das duas concepções, como é o caso dos próximos dois títulos:

- Camerarius, Joachim. *Symbolorum & emblematum*¹⁷. Noribergae, 1595.
- Veen, Otto van. *Emblemata sive symbola*¹⁸, Bruxelle, 1624.

O uso lado a lado indica uma compreensão sinônima ou equivalente dos dois termos. Assim, podemos concluir que o uso de *symbolon*, então, parece também não indicar uma compreensão própria da imagem ou uma categoria alternativa, trata-se de uma variação do significante usada até com certa frequência, porém sem um significado próprio. Talvez, e isso é uma mera suposição, encontra entre autores de livros religiosos uma certa aceitação por ser uma palavra costumeira no campo da teologia, onde pode ser usado como equivalente do latim *credo*. Mesmo assim, não são muitos que seguem essa opção.

Avançamos para o uso do termo *emblema*. Cogitamos os seguintes títulos:

- Veen, Otto van. [*Amoris diuini emblemata*](#)¹⁹, Antuérpia, 1615;
- Bachmann, Conrad. *Emblemata Sacra [...] Fidei exercitium excitandam Pietatem*,²⁰ Francforti, 1624.
- Hesius, Gulielmus. *Emblemata sacra de fide, spe, charitate*²¹. Antuerpiae, 1636.
- Hohburg, Christianus. *Emblematum sacra: [Das ist Göttliche Andachten](#)*²², Franckfurth 1692.

Lembramos que “emblema” se refere ao conjunto de *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio*, ou seja, pode-se supor que um uso consciente do termo deve favorecer a concepção de *pictura*. Importante é, certamente, que os títulos acima citados apresentam também funções muito específicas dos emblemas apresentados nas respectivas publicações que são ou representar o amor divino, ou levar a sua contemplação, ou provocar

¹⁷ Símbolo e emblemas.

¹⁸ Emblemas ou símbolos.

¹⁹ Emblemas do amor divino.

²⁰ Emblemas sagrados [...] O exercício da fé para excitar a piedade.

²¹ Emblemas sagrados de fé, esperança, caridade.

²² Emblemas sagrados: esta é a devoção divina.

desejos piedosos e o exercício da fé, do amor e da esperança. Essa delimitação funcional, aparentemente, diminua a ideia inicial do emblema que, além da intenção do autor ou editor da obra que levou a criação de um emblema, tinha reservado pela própria concepção uma certa polifonia do emblema, dando um certo espaço para novos significados entre os apontamentos da *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio*. Emblemas religiosos, segundo estes títulos, são focados na promoção e reafirmação de fé, inclusive em recortes confessionais específicos como é o caso nos próximos livros:

- Montenay, Georgette de. *Emblemes ou devises chrestiennes*, Lyon, 1567/1571.
- Hugo, Hermann. *Pia desideria emblematis illustrata: elegiis & affectibus SS. Patrum illustrata*²³, Antuérpia, 1628.

Nos dois casos, a linguagem genérica representa primeiro um pressuposto mais universal por se dirigir indiscriminadamente a todos/as. Mesmo assim, articulam os *Emblemas e dispositivos cristãos* uma apologia confessional reformada e, os *Emblemas de desejos piedosos*, visões doutrinárias e devocionais muito específicas, ou da reforma protestante, ou da reforma católica²⁴. No mínimo, o segundo título, porém, traz um aspecto que dentro da discussão dos diferentes significados de *eikon*, *imago* e *pictura* tinha sido relevante: a promoção de afetos piedosos ou religiosos. Algo que, como exemplificamos já anteriormente, jamais se limitava ao campo religioso católico. O uso de uma imagem como um meio, mesmo que ao lado de ou em conjunto com textos, para causar afetos, não é mais uma mera *pintura*, mas, muito provavelmente, vista como *imago*, todavia não necessariamente como *eikon*. Entretanto, quando se estuda os emblemas reais dos dois livros²⁵, percebemos que nos dois casos se trata de *picturae* que convidam para a construção de um significado pelo/a leitor/a. No caso da obra de Montenay, as imagens são mais complexas e os emblemas focam mais em princípios e ideias centrais. No caso de Hugo, as imagens sempre evidenciam um aspecto de um versículo bíblico que serve como *inscriptio* -

²³ Emblemas de desejos piedosos: as elegias e afeições nas Sagradas Escrituras. Ilustradas pelos Padres.

²⁴ Lembramos aqui que a obra católica antecipa o uso de *pia desideria* nas obras famosas do luterano Philipp Jacob Spener e do puritano Cotton Mather, publicadas em 1675 e 1722 (cf. Renders, 2020, p. 754-773).

²⁵ Por causa do espaço limitado, optamos por trabalhar nesse artigo sem imagens. Lembramos que todas as obras citadas podem ser acessadas pela página indicada inicialmente.

seguido pelo versículo repetido e uma longa *subscriptio*²⁶. Geralmente, se menciona aqui que o jesuíta Hugo, como outros, teriam seguido o modelo dos exercícios espirituais de Ignácio de Loyola, nos quais a imaginação humana de cenas bíblicas impacta sobre os afetos religiosos. O problema é que a primeira edição com imagens dos *exercícios espirituais* é de 1649, o que leva Anna-Katrin Sors a afirmação:

Os Exercitia Spiritualia não são [...] o modelo para todos os livros de edificação subsequentes, como muitos historiadores e historiadores de arte gostariam de sugerir devido à proeminência e atratividade do Santo. A forma do texto é extraordinária, cuja influência na história da arte é amplamente superestimada e que não é comparável a nenhum dos livros de edificação anteriores ou posteriores, especialmente aos que foram publicados ilustrados desde o início²⁷ (2008, p. 180).

O último se aplica a todos os livros com emblemas. Como o próprio Ignácio desenvolveu seus exercícios partindo de práticas medíveis, deve o próprio Hugo também ser lido a partir da concepção da *meditatio*, na tradição da *lectio divina*. Dela e da sua relevância falamos ainda mais a frente.

Nos títulos alemães e holandeses receberam a concepção de um emblema uma tradução congenial própria, o que é *Sinnbild* – ou *Sinnenbild* – (alemão) ou *sinne-belden* / *merkebeelden* (holandês). A palavra é composta pelas palavras significado (*Sinn*) e imagem (*Bild*) e aparece pela primeira vez no século 17²⁸.

- Sudermann, Daniel. *Schöne außerlesene Sin[n]reiche Figuren [...] darinnen denckwürdige Sprüche*²⁹, Strassburg 1620;
- Zingref, Julius Wilhelm. *Sapientia Picta [...] sinnreiche Bildnisse [...] denkwürdige Sprüche*, 1626.
- Prasch, Johann Ludwig. *Emblematischer Catechismus/ Oder Geist- und Sinnreiche Gedancken*³⁰, Nuernberg, 1683
- Catz, Jacob. *Proteus, ofte, Minne-beelden verandert in sinne-beelden*³¹, Rotterdam, 1627.

²⁶ A sutil diferença está na ordem: na obra protestante, segue a *pictura* a *inscriptio* e a *subscriptio* segue a *pictura*; na obra católica, a *inscriptio* é localizada entre a *pictura* e a *subscriptio*. Isso muda o elemento da entrada.

²⁷ Die Exercitia Spiritualia sind [...] nicht das Vorbild für alle nachfolgenden Erbauungsbücher, wie es viele Historiker und Kunsthistoriker gern aufgrund der Prominenz und Attraktivität des Heiligen sähen. Die Form des Textes ist eine ganz außergewöhnliche, deren kunsthistorische Wirkung weit überschätzt wird und mit keinem der Erbauungsbücher vor- oder nachher vergleichbar ist, vor allem nicht mit solchen, die von Anfang an illustriert erschienen.

²⁸ Sinnbild, s. imagem, objeto externo como expressão de algum significado, no século XVII. cunhado como uma tradução de emblema, segundo Weigand 2, 719 já atestado no [livro] O funil poético (1648) de Harsdörfer (Grimm & Grimm, 1902 [v. 1], col. 1153).

²⁹ Figuras bonitas, requintadas e significativas [...] contendo ditados memoráveis.

³⁰ Catecismo Emblemático, ou Reflexões Espirituais e Intelectualmente Ricas.

³¹ Proteu, ou imagens de amor transformadas em imagens significativas.

- S. N. *Dreiständige Sinnbilder: Zu Fruchtbringendem Nutze, und beliebende ergetzlichkeit*³², Braunschweig 1643.
- Mattsperger, Melchior. *Geistliche Hertzens-Einbildungen [...] in Biblischen Figürchen angedeutet*³³, Augsburg 1688.

As primeiras três obras acima citadas ainda não usam *Sinnbild*, mas uma descrição da mesma, *sinnreiche Figuren / Bildnisse / Gedanken* [figuras / retratos / pensamentos ricos de sentido]. *Sinnreich* segundo os irmãos Grimm, é geralmente um atributo humano e quer dizer “rico em inteligência, esperto, astuto”³⁴ (Grimm & Grimm, 1901 [vol. 16], col. 1198) e é assim ainda usado por Prasch ao fim do século 17. Já *sinnreiche Figuren / Bildnisse* aplicam essa função diretamente à *pictura* com que perfeitamente combina. As duas próximas obras usam *Sinnbilder*, a última *Einbildungen*. Apesar de que tanto em *Sinnbild* como em *Einbildungen* conter a raiz - *bild* ou imagem, seu significado varia. *Sinnbild* é, segundo o dicionário dos irmãos Grimm, uma tradução de emblema:

Sinnbild, n. objeto externo como expressão de qualquer significado, no século XVII cunhado como uma tradução de emblema [...] ἐμβλήματα, σύμβολα, imagines, stemmata (insignia) picturae, isto é, símbolos, ditados, retratos, brasões (bandeiras), pinturas ou representações”³⁵ (Grimm e Grimm, 1901 [vol. 16], col. 1153).

O segundo título *Dreiständige Sinnbilder* disse isso ainda mais explicitamente, já que quer dizer “imagens significantes tripartidas ou em três partes”. Isso, estruturalmente falando, é um emblema. E, como emblema, a concepção *Sinnbild* casa melhor com a concepção de *pictura*, e não de *imago* nem de *eikon*. Já “Sinn” explica o significado da imagem, e não o inverso, ou como afirma a terceira obra, os pensamentos humanos a respeito da imagem e do texto. Todavia, o uso de *Hertzens-Einbildungen* transporta mais a ideia do impacto performativo da imagem. Como o *Herz* ou o coração, é lugar tanto do raciocínio (hebraico) como das paixões (grego) essa questão fica aberta. Quando a *religio cordis* ou religião de coração casa com *pia desideria*, desejos de piedade, pode também tanto falar do querer como do se encantar. A palavra *Einbildung*, que carrega consigo hoje o significado de fantasia enganosa ou

³² Imagens significantes de três partes: para proveitos frutíferos e deleite agradável.

³³ Imaginações espirituais para o coração [...] indicadas por figuras bíblicas.

³⁴ reich an verstand, klug, scharfsinnig.

³⁵ Sinnbild, n. äusserer gegenstand als ausdruck irgendeines sinnes, im 17. jahrh. geprägt als übersetzung von emblema [...] ἐμβλήματα, σύμβολα, imagines, stemmata (insignia) picturae, das ist die sinnbilder, denksprüch, bildnissen, wapen (fahnenbilder), gemahlte oder schildereien.

até de uma imaginação supersticiosa, descreveu, especialmente no plural, ou a intenção de um impacto ou o próprio impacto de uma *Vorstellung*, no sentido de uma colocação de algo em frente de alguém. O dicionário dos irmãos Grimm documenta a transição de “*einbildung*, f. *figuratio*, *figmentum*” (Grimm e Grimm, 1859 [vol. 3], col. 152) literalmente, uma imagem ou representação figurativa de algo imaginado, para “imaginação vazia e falsa, fantasia”³⁶ (Grimm e Grimm, 1859 [vol. 3], col. 152). *Sinnbild*, *sinnen-bild*, *sinne-beelden* e, o antes já mencionado *merkbeelden*, como traduções criadas para emblema, focam claramente numa atitude pensante que parte da *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio* e não integram a ideia de imagens performativas. Já a concepção de *Hertznes-Einbildungen* sinaliza uma função, no mínimo, não restrita ao campo da razão.

Depois dessas duas seções, estamos diante de um resultado surpreendente: onde se esperava, pela opção de usar derivados de *eikon* ou *imago* no título, eventualmente uma compreensão distinta de *pictura*, não encontramos evidências para isso³⁷. E quando se fala de emblemas ou de *Sinnbilder*, não é a manutenção da concepção original o indicador decisivo, mas, precisa-se considerar as articulações das funções ou dos objetivos da respectiva obra. Nesses casos, os significantes se mantêm. Entretanto, seus atributos modificam seus significados. E isso pode significar que nestes casos a concepção da *pictura* como elemento clássico do emblema pode ser vista e, conseqüentemente, usada na práxis como *imago*, porém somente quando se trata de retratos diretos de Jesus, de Maria ou de santos/as³⁸.

³⁶ leere und falsche vorstellung, phantasie.

³⁷ Em alguns títulos de livros com emblemas isso é dito de tal modo que não resta dúvida nenhuma. Veja, por exemplo, a obra Friedrich, Andreas. *Emblemata Nova; das ist/ New Bilderbuch. Darinnen durch sonderliche Figuren der jetzigen Welt Lauff und Wesen verdeckter Weise abgemahlet/ und mit zugehörigen Reymen erkläret* wirt, Francoforti, 1617. O que quer dizer: *Emblemata Nova; Este é / Novo livro com imagens. Em que o curso e a natureza do mundo atual são retratados de forma oculta por meio de figuras especiais e explicados com rimas correspondentes*. Neste título “Bild / imagem” quer certamente dizer *pictura*. *Imago* ou imagem devocional seria *Andachtsbild*. Além disso, aponta o título dois dos três elementos do emblema e seu caráter não “imediatamente óbvio”.

³⁸ Isso não significa que todos os emblemas dessa categoria de livros, iconologicamente falando, são vistos como os santinhos, mas, estabelece-se uma zona onde as práticas se sobrepõem.

4 INDICAÇÕES VARIADAS DA LEITURA DE EMBLEMAS: *DEVOTIO*, *CONTEMPLATIO*, *MEDITATIO* [ANDACHT] E *ORATIO*

Nessa terceira seção acolhemos obras que em seus títulos indiciam a forma de leitura dos emblemas de um jeito prepositivo, se apropriando da e atualizando a longa tradição da leitura de textos e imagens sagrados. Encontramos aqui, nos títulos, concepções como *contemplatio*, *meditatio* [Andacht] e *oratio* ou suas descrições ou paráfrases que, por sua vez, podem remeter à *devotio*.

Vamos, novamente, listar alguns títulos como exemplos e ponto de partida:

- Canisius, Petrus. *Notae In Evangelicas Lectiones* [...]: opus ad pie meditantvm ac simul ad precandum Devm accommodatum³⁹, 1591.
- Nadal, Gerónimo. [*Adnotationes et meditationes in Evangelia: quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur*](#)⁴⁰. Antverpia, 1594.
- Descartes, René. *Meditationes de prima philosophia, in qua Dei existentia et animae immortalitas demonstratur*⁴¹, 1641.
- Vogel, Johann. *Meditationes emblematicae de restaurata pace Germaniae = Sinnbilde*⁴², Nürnberg 1649.

Começamos com o título do penúltimo livro. A obra de Descartes não é um livro com emblemas, mas, indica, um uso peculiar da palavra *meditatio* no plural. Para Descartes, meditação é um processo rigoroso e metódico de investigação. Em cada uma das seis meditações ele adota uma postura de dúvida sistemática, questiona temporariamente crenças como fundamento de conhecimento e levanta perguntas sobre a sua natureza do conhecimento, da existência e da verdade. Nesse caso, meditação designa um caminho que envolve uma reflexão profunda e disciplinada. Isto é, representa certamente uma aplicação original e radical do termo. No entanto, não completamente ao contrário do seu uso anterior como método de leitura de textos sagrados.

O último título da lista, escrita por Johann Vogel, é um livro com emblemas com a estrutura clássica tripartida. O livro não é um guia devocional, apesar de expressar, pontualmente, até uma convicção religiosa. Mas, na sua introdução, ele descreve a

³⁹ Uma obra adaptada para a meditação piedosa e ao mesmo tempo para a oração a Deus.

⁴⁰ Notas e meditações sobre os Evangelhos: que são lidos no sagrado sacrifício da Missa ao longo do ano.

⁴¹ Meditações sobre a primeira filosofia, na qual a existência de Deus e a imortalidade da alma são demonstradas.

⁴² Meditações emblemáticas sobre a paz restaurada na Alemanha = *Sinnbilde* [emblema, o autor].

sua compreensão de uma meditação de emblemas: “Tais coisas são apresentadas aqui com imagens e com palavras, [...] que a mão de Deus restaurará a paz na terra”⁴³ (Vogel, 1649, p. 2). Traduzimos por apresentar a palavra “*fürgestellt*”, antigo por “*vorgestellt*”, literalmente por “colocar algo em frente [de alguém]”. Já o substantivo “*Vorstellung*” quer dizer ideia até imaginação. Algo é então *vorgestellt* a alguém para ter uma *Vorstellung* daquilo. Aqui temos, também, uma compreensão de um processo cognitivo ou racional onde o significado é deduzido do conjunto de imagens e palavras ou signos e significantes.

No caso das obras de Canisius e de Nadal, lidamos com um propósito diferente. Nos dois casos as meditações de imagens e palavras quer apresentar passagens dos evangelhos de uma forma viva e tocante, apesar de que a obra de Nadal não seja um livro com emblemas no *stricto senso*, mas, uma obra com o uso pontual de imagens. Porém, para ambos os autores, *meditatio* tinha como contexto uma tradição de leitura de textos sagrados, chamada *lectio divina*, sistematizada pela obra *Scala claustralium*⁴⁴ [antes de 1150] Guigo II ou Guigo o cartuxo. A *lectio divina* era composta pelos passos da *lectio*, *meditatio*, *oratio* e *contemplatio*:

- *Lectio* ou leitura quer dizer ler um texto bíblico lenta e atentamente para absorver o significado profundo das palavras.
- *Meditatio* ou meditação quer dizer pensar sobre a passagem bíblica ou um versículo específico de forma demorada e repetitiva e tentar entender seus significados pessoais e religiosos mais profundos⁴⁵.
- *Oratio* ou *oração* transforma os resultados dessa leitura atenciosa em um diálogo com Deus por meio de pedidos, ações de graças, adoração ou lamentação.
- *Contemplatio* ou contemplação descreve uma atitude de se imaginar na presença de Deus e permanecer nela, desfrutando da comunhão com ele, sem quaisquer pensamentos ou palavras específicas.

Meditatio assume então, na *lectio divina*, um papel entre *lectio* e *oratio* ou é considerado um passo num caminho – ou uma metodologia religiosa – para alcançar

⁴³ Solches wird mit Bildern hier / und mit Worten hier fürgestellt / [...] dass Gottes hand gebe wider Fried im Land.

⁴⁴ Escada dos Claustros; a obra é também chamada *Scala Paradisi* (Escada do Paraíso) ou *Epistola de Vita Contemplativa* (Carta sobre a Vida Contemplativa).

⁴⁵ Meyer-Blank (2019, p. 80) lembra que este aspecto persistente passa pela repetição da palavra com voz alta; “Die *meditatio* (bzw. Das Verbum *meditari*) umschreibt zunächst nicht mehr als das vernehmbare, wiederholende Lesen und Aufsagen von Texten und Formeln. [...] oder wiederholte Aufsagen von Schriftstellen. [...] Daher ist es folgerichtig, dass in der Alten Kirche und im Mönchtum, erst recht später in der Evangelischen Theologie und Kirche, unter Meditation vor allem Schriftmeditation verstanden wurde.

algo que pode ser descrito como uma experiência religiosa não verbal. Ou em uma perspectiva moderna que parece ecoar a *lectio divina*: “A verdadeira meditação cristã não se destina principalmente ao uso prático. Se surgir, é adicional, mas seu único objetivo é uma união maior com Deus”⁴⁶ (Bianchi, 1997, p. 17). O significado original da palavra *meditatio* refer-se-ia mais a um estilo, não há uma função. Meyer-Blank (2019, p. 80) lembra de um aspecto persistente que passa pela repetição da palavra com voz alta:

A *meditatio* (ou o verbo *meditari*) inicialmente descreve nada mais do que a leitura e recitação audível e repetitiva de textos e fórmulas. [...] ou a recitação repetida das escrituras. [...] É, portanto, lógico que na igreja primitiva e no monaquismo, e mesmo mais tarde na teologia e na igreja protestantes, a meditação era entendida principalmente como meditação bíblica⁴⁷.

Com isso surge de imediato a pergunta se esse alvo principal é mantido nos livros religiosos com emblemas cujos títulos contém a palavra *meditatio*, mas, por exemplo, não a palavra *contemplatio*. Isso seria, por exemplo, o caso das obras de Canisius e de Nadal, apesar de que no título da obra de Canisius “*ac simul ad precandum Deum*” ou “*e ao mesmo tempo para a oração a Deus*” lembra do terceiro passo da *lectio divina*, a *oratio*. Quer isso dizer a *meditatio* continua ser vista como um passo na direção da *contemplatio* e corresponderia a isso não mais uma concepção da imagem do emblema como *imago* ou *eikon*? Que *meditatio* e *contemplatio* descreve algo distinto segue a observação que se trata de dois passos na *lectio divina*. Assim descreve Georges (1967 [v. 2] meditar como

[...] [...] pensar sobre algo, ponderar (no sentido geral); essa nuance é fracamente documentada; especificamente: pensar, imaginar, contemplar, olhar para os fatos salvadores cristãos com confiança na intervenção de Deus, esforçar-se para reconhecer algo na devoção religiosa, cada um pensado como um passo no caminho, a estrada para Deus⁴⁸ (Georges, 1967 [v.2], p. 846).

⁴⁶ Echte christliche Meditation ist nicht in erster Linie für eine gute Nutzenanwendung da. Wenn es sich so ergibt, so ist dies zusätzlich; ihr einziges Ziel aber ist die größere Vereinigung mit Gott.

⁴⁷ Die *meditatio* (bzw. Das Verbum *meditari*) umschreibt zunächst nicht mehr als das vernehmbare, wiederholende Lesen und Aufsagen von Texten und Formeln. [...] oder das wiederholte Aufsagen von Schriftstellen. [...] Daher ist es folgerichtig, dass in der Alten Kirche und im Mönchtum, erst recht später in der Evangelischen Theologie und Kirche, unter *meditatio* vor allem Schriftmeditation verstanden wurde

⁴⁸ [...] über etw. nachdenken, nachsinnen (im allgemeinen Sinne); diese Nuance schwach belegt; speziell: „im Vertrauen auf Gottes *einsprechen* denkend, einbildend, betrachtend, schauend mit den christlichen

Percebe-se que Georges até pode recorrer ao contemplar para descrever meditar, mas que prevalece a ideia de uma atividade racional do pensar. Nos propomos relacionar a contemplação mais com a imaginação ou um ato de olhar seguindo o próprio Karl Ernst Georges quem descreve *contemplatio* como *Betrachtung* (1967 [v.1], p. 1593) ou observação, como também Margot Schmidt que fala de “*Beschauung*” (1969, p. 52) o que um alemão antigo que descreve o ato de olhar⁴⁹. Que a teologia segue aqui a filologia clássica comprova também o respectivo verbete de Herbert Vorgrimmler (1962 [v. 7], p. 234) no dicionário do II Vaticano editado por Karl Rahner quando sugere tanto *Betrachtung* quanto *Beschauung* como tradução de *contemplatio*. Já o escolástico Ricardo de São Victor ([1110]-1173) confirma a ideia da relação *meditatio*, investigação e razão, mas reserva a verdadeira compreensão à *contemplatio*:

Pensar é uma atividade sem esforço e sem fruto; na meditação, há esforço que produz fruto; na contemplação, permanece-se sem esforço, mas com fruto. No ato de pensar, encontramos divagação; na meditação, investigação; na contemplação, maravilhamento. O pensamento origina-se da imaginação; a meditação, da razão; e a contemplação, da compreensão. Eis aqui os três pilares: imaginação, razão e compreensão. A compreensão ocupa o lugar mais elevado; a imaginação, o mais baixo; e a razão, o intermediário (Vance, 2011, p. 160)⁵⁰.

Ricardo de São Victor afirma, então, que a *meditatio* pertence mais ao ato do pensar e ao campo do raciocínio, mas, reserva somente para a *contemplatio* o verdadeiro compreender⁵¹. Com outras palavras: para a *meditatio* é a imagem entendida mais como uma *pictura*, para a *contemplatio* mais vista como uma *imago* já que o compreender é dom divino.

Heilstatbeständen beschäftigt sein, etw. in religiöser Andacht zu erkennen trachten“, jeweils gedacht als eine Stufe auf dem wege, der strasse zu gott.

⁴⁹ Herbert Vorgrimmler (1962 [v. 7], p. 234) sugere no dicionário do II Vaticano editado por Karl Rahner tanto *Betrachtung* quanto *Beschauung* como tradução de *contemplatio*.

⁵⁰ Thinking is without labor and fruit; in meditation there is labor with fruit; contemplation continues without labor but with fruit. In thinking there is wandering; in meditation, investigation; in contemplation, wonder. Thinking is from imagination; meditation, from reason; contemplation, from understanding. Behold these three: imagination, reason, understanding. Understanding occupies the highest place; imagination, the lowest; reason, the middle.

⁵¹ Isso lembra da descrição de Hugo von St. Viktor (1096-1141) segundo dele a *meditatio* é o ordenamento da percepção (*cogitatio*) por meio da *ratio* (Meyer-Blank, 2019, p. 164).

Essa interpretação transparece também na tradução alemã de *meditatio* por *Andacht* que os irmãos Grimm descreveram como “Andacht, f. attentio, intentio [...] focar os pensamentos em um objeto, raciocínio intensivo”⁵² (Grimm & Grimm, 1852[v. 1], col. 302). No título de um livro religioso de emblemas alemão em seguida, se usa o adjetivo *andächtig* junto a *Betrachtung* ou que combina o ato do pensar com o ato de olhar.

- Hoburg, Christianus. *Lebendige Hertzens-Theologie / Das ist Andächtige Betrachtung / wie Jesus im Herten wohne und würcke / und im Herten der Liebhabenden sey Alles: Mit schönen Bildern und artigen Kupferstücken vor diesem vorgestellt*⁵³, Franckfurth 1691.

Christian Hoburg (1607- 1675) era um pastor luterano e ao mesmo tempo místico, ou segundo as três categorias de Ernst Treoltzsch, um espiritualista protestante. Por causa disso, vemos aqui uma tendência de, ou mesclar *meditatio* com *contemplatio*, ou entender *meditatio* como um passo para praticar ao final a *contemplatio* ou estado ciente de Jesus tomando morada no coração do/a fiel. Apesar de que *Andächtige Betrachtungen* ou “Observações focadas” aponta na direção de um processo mais reflexivo.

Vimos acima que Bianci falava do objetivo da união com Deus ou da *Vereinigung*. Diversos livros devocionais com emblemas como a obra já acima mencionada [*Pia desideria emblematis: elegiis & affectibus SS. Patrum illustrata*](#) do jesuíta Hermann Hugo (1588-1629), constroem um caminho até a união mística como terceiro passo da mística tríplice⁵⁴. Segunda a nossa impressão, mesmo que “união mística” e *contemplatio* não são originalmente idênticos, talvez sejam, potencialmente, próximas.⁵⁵

⁵² andacht, f. attentio, intentio [...] samlung der gedanken auf einen gegenstand, inniges andenken.

⁵³ Teologia Viva do Coração / Isso é meditação devocional / como Jesus habita e opera no coração / e no coração dos amantes é tudo: Apresentado com belas imagens e peças de cobre artísticas diante disso.

⁵⁴ Segundo Daly e Dimler (2018, p. 109-110) era um dos dois livros devocionais com emblemas, mas, reeditados e foi lido “amplamente por católicos e protestantes durante duzentos anos.”

⁵⁵ Daly e Dimler (2018, p. 92-94) apresentam uma classificação de livros jesuítas com emblemas com 88 tipos, desses “44 classificações para livros por indivíduos e outras 44 para faculdades e províncias”. Com essa variedade, devemos esperar também diferentes concepções de imagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos de alguns poucos títulos de livros religiosos com emblemas como indicações como os/as autores/as entenderam o elemento iconográfico dessas obras. Anotamos uma notável diversidade e organizamos os títulos em três grupos: uso de concepções de imagem, uso de descrições de emblemas e indicações de leituras de emblemas.

Vimos que os títulos servem primeiro como indicadores gerais do gênero de livros com emblemas no sentido material da sua concepção, normalmente composta por três elementos (*inscriptio*, *pictura*, *subscriptio*). Em alguns títulos identificamos indicações da função dos respectivos livros religiosos com emblemas, outros títulos indicaram a forma da sua leitura.

O resultado da pesquisa somente traz primeiras observações e pistas, algumas surpresas, o que nos levam a sugerir de não encostar seu argumento por completo nas formulações dos títulos. Todavia, isso não significa ignorá-la por completo, somente verificar o conjunto de título, introdução e a composição real do emblema e da *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio*. Esta visão do conjunto dificilmente vai falhar na identificação do gênero e dos seus subgêneros. Talvez seja o indicador mais claro o próprio motivo da *pictura*, já que *imago* e *eikon*, em geral, apresentam uma pessoa frontal (inteira, somente o torso ou a cabeça). Quando se aplica essas regras simples, a maioria dos livros religiosos com emblemas, apresentam de fato *picturae* e não *eikones* ou *imagines*.

O que se refere as nossas duas perguntas norteadoras podemos responder o seguinte: com a exceção de *pictura* / *picturae*, parece ser o uso de significantes como *imago* / *imagines* e *eikon* / *eikones* não sinalizar uma compreensão diferente das partes do emblema. O mesmo pode ser dito pelo significado especial de *hieroglyphicum* / *hierglyphica* e *symbolon* / *symbola* que nos dois exemplos também não se sobrepõem. Ao seu lugar, o seu significado real é de fato *emblema*. Enquanto *meditatio* é ainda claramente compatível com a ideia clássica de uma compreensão de imagens como meras *picturae*, aproximam-se quaisquer menções da promoção de afetos, ou o uso de *contemplatio* ou a menção da *oratio*, direta ou indiretamente, à uma compreensão não predominantemente racional e investigativa. Contudo, para se tornar *imago* ou *eikon* a escolha do motivo ocupa ainda uma parte fundamental.

Somente motivos que conduzem não à observação, mas a interação, teriam uma outra qualidade do que *pictura*.

BIBLIOGRAFIA

Bianchi, Enzo. *Gott im Wort: die geistliche Schriftlesung*. Xxxx: Franz-Sales-Verlag, 1997.

Bombassaro, Luiz Carlos. “Imagem e conceito: a experiência do pensar nos emblemas da Renascença”. In: *Conexão, Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 83-95 (jan./jun. 2006).

Brandão, Antônio Jackson de Souza. “O gênero emblemático”. In: *Travessias*, vol. 3, n. 3, p. 124-138 (2009). Disponível em: < [www.https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3440/2734](https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3440/2734) >. Acesso: fev., 25 2025.

Canisio, Petro. *Notae in evangelicas lectiones, quae per totum annum dominicis diebus in ecclesia catholica recitantur*: Opus ad pie meditandum ac simul ad precandum Deum accomodatum, & nunc primum in lucem editum. [Friburgi Helvetiorum: ex officina typographica Abrahami Gemperlini, 1591](#). Disponível em: <https://mdz-nbn-resolving.de/details:bsb00022722> Acesso em: 25 fev. 2025.

Daily, Peter M. (ed.). *Companion to Emblem Studies*. New York: AMS Press, 2008.

Daly, Peter M.; Dimler, G. Richard. *The Jesuit emblem in the European context*. Philadelphia: Saint Joseph’s University Press, 2018.

Enenkel, Karl; Melion, Walter. *Meditatio – Refashioning the Self: Theory and Practice in Late Medieval and Early Modern Intellectual Culture*: Leiden, Boston: Brill, 2011.

Georges, Karl Ernst. *Ausführliches lateinisch-deutsches Handwörterbuch*: Aus den Quellen zusammengetragen und mit besonderer Bezugnahme auf Synonymik und Antiquitäten unter Berücksichtigung der besten Hilfsmittel ausgearbeitet. 2 volumes. Reimpressão não alterada da 8ª ed. Basel / Stuttgart: Schwabe, 1967.

Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm. “Andacht, f”. In: Ibidem (eds.). *Deutsches Wörterbuch*. [edição impressa: 1852 [vol. 1], coluna 302] Edição digital em Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities, versão 01/23. Disponível em: www.woerterbuchnetz.de/DWB/andacht. Acesso em: 23 fev. 2025.

Grimm Jacob; Grimm, Wilhelm. “einbildung, f. ”. In: ibidem (eds). *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm* [edição impressa: 1859, vol. 3, col. 352] digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities, Version 01/23, <<https://www.woerterbuchnetz.de/DWB?lemid=E01407>>, abgerufen am 08.03.2025

Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm. “sinnbild, n.”. In: Ibidem (eds.). *Deutsches Wörterbuch*. [edição impressa: 1901 [vol. 16], coluna 1153] Edição digital em Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities, versão 01/23. Disponível em: www.woerterbuchnetz.de/DWB/sinnbild. Acesso em: 23 fev. 2025.

Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm., sinnreich, adj.“, In: ibidem (eds). *Deutsches Wörterbuch* [edição impressa: 1901, vol. 16, col. 1198]. digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities, versão 01/23. Disponível em: www.woerterbuchnetz.de/DWB/sinnreich. Acesso em: 10 mar. 2025.

Grimm, Jacob. “bild, n”. In: Grimm, Jacob; Grimm Wilhelm (eds.). *Deutsches Wörterbuch*. [edição impressa: 1853 [vol. 2], coluna 8 na] Edição digital em Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities, versão 01/23. Disponível em: www.woerterbuchnetz.de/DWB/bild. Acesso em 23 fev. 2025.

Heckscher, William S.; Wirth, Karl-August. “Emblem, Emblembuch”. In: Zentralinstitut für Kunstgeschichte in München (ed.). *Reallexikon zur Deutschen Kunstgeschichte*, v. 5, München: C. H. Beck, 1959. p. 85–228. Edição on-line: Labor RDK. Disponível em: https://www.rdklabor.de/wiki/Emblem,_Emblembuch Acesso em: 10mar. 2025.

Höltgen, K. J. (1992). Emblem and Meditation Some English Emblem Books and Their Jesuit Models. *Explorations in Renaissance Culture*, v. 18, n. 1, p. 55-92 (1992). Disponível em: <https://doi.org/10.1163/23526963-90000136>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Martin, Nicol. Meditation II: Historisch praktisch-theologisch. In: Müller, Gerhard (ed.). *Theologische Realenzyklopädie*, vol. 22: Malaysia – Minne. Berlin, New York: de Gruyter, 1992. In: p. 337-353.

Meyer-Blanck, Michael. *Das Gebet*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019.

Montenay, Georgette de. *Emblematum christianorum centuria*. Zurich: Christoph Froschover, 1584.

Montenay, Georgette de. *Emblematum christianorum centúria*, 2ª ed. Heidelberg: J. Lancelot and Andrea Cambiero, 1602.

Nadal, Gerónimo. [*Adnotationes et meditationes in Evangelia: quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur*](#). Antverpia, 1594. Acesso em: <https://mdz-nbn-resolving.de/details:bsb10144115>. disponível em: 12 fev. 2025.

Pabel, Hilmar M. Meditation in the service of catholic orthodoxy: Peter Canisius' Notae Evangelicae In: Enenkel, Karl; Melion, Walter. *Meditatio – Refashioning the Self: Theory and Practice in Late Medieval and Early Modern Intellectual Culture*: Leiden, Boston: Brill, 2011. p. 253-289.

RENDERS, Helmut. “Imagem” [Verbete]. In: USARSKI, F.; PASSOS, J. D.; TEIXEIRA, A. (eds.). *Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, Paulus, Loyola, 2022. p. 573-577.

Ruh, Kurt. *Geschichte der abendländischen Mystik, vol. I: Die Grundlegung durch die die Kirchenväter und die Mönchstheologie des 12. Jahrhunderts*. München: C. H. Beck, 2001.

Schmidt, Margot (ed.). Rudolf von Biberach. *Die siben strassen zu got: Die hochalemannische Übertragung nach der Handschrift Einsiedeln 278*. Florenz: Quaracchi, 1969.

Sors, Anne-Katrin. Religiöse *Druckgraphik in Antwerpen um 1600*: Jan Davids Andachtsbücher und Theodoor Galles Illustrationen. Dissertation zur Erlangung des Grades eines Doktors der Philosophie am Fachbereich Geschichts- und Kulturwissenschaften der Freien Universität Berlin, 2015.

Tworuschka, Udo. Meditation I: Religionswissenschaft. In: Müller, Gerhard (ed.). *Theologische Realenzyklopädie*, vol. 22: Malaysia – Minne. Berlin, New York: de Gruyter, 1992. p. 328-337

Vance, Jacob. "Twelfth and sixteenth century renaissance discourses on meditation and contemplation. Lefevre d'etaples' commentaries on Richard of Saint Victor's *trinity*". In: Enenkel, Karl; Melion, Walter. *Meditatio – Refashioning the Self: Theory and Practice in Late Medieval and Early Modern Intellectual Culture*: Leiden, Boston: Brill, 2011.p. 153-179.

Vorgrimmler, Herbert. Meditation. In: Höfer, Josef; Rahner, Karl (eds.). *Lexikon für Theologie und Kirche*, vol. 7: Marcellinus – Paleoti. 2. Ed. Freiburg: Herder, 1962.

Willing, Antje. *Literatur und Ordensreform im 15. Jahrhundert*. Münster / New York: Waxmann Verlag, 2004.